

Terá a Bíblia um fio condutor?

Notícia sobre a sessão do CEMES, dia 28 de Maio de 2016

igreja
do
mirante

“E tudo o que está na Sagrada Escritura foi escrito para nosso ensinamento, a fim de termos esperança por meio da paciência e da coragem que nos vêm da mesma Escritura.”

Romanos 15: 4

A Bíblia, enquanto valioso repositório de inúmeras experiências de homens, mulheres e também de crianças que viveram em profunda relação com Deus é referência de fé para os que se afirmam cristãos. Esse conjunto de testemunhos de vidas, reflexões humanas e outros registros inspirados, consideramos a Palavra de Deus revelada a múltiplos seres humanos, ao longo de séculos e séculos. Precisamente por isso, a transmissão da fé através dos tempos, primeiro oralmente e depois por escrito, continua a proporcionar uma visão e um entendimento singular de Deus e do mundo, unificando o pensamento cristão. Nesse sentido, é óbvia a importância da Bíblia para os que se afirmam cristãos, nomeadamente para as confissões herdeiras da Reforma do século XVI, já que “Sola scriptura” é um dos cinco pontos fundamentais do pensamento dos que historicamente ficaram conhecidos por protestantes. Os cristãos que reconhecem a autoridade da Bíblia recorrem sistematicamente aos seus textos, para aferir convicções e doutrinas, assim como para buscar orientações para as suas vidas. Para esses, ler, conhecer, contextualizar e interpretar os textos bíblicos, revela-se fundamental para pensar e repensar Deus e o sentido da vida, avaliar o impacto desses textos nas suas vivências pessoais, assim como a sua relevância na forma como apreendem o mundo e se relacionam com Deus e com os outros seres humanos.

Na sessão do CEMES do último sábado de Maio, o que esteve em causa foi a demanda de um fio condutor para a Bíblia, a pesquisa da coerência interna para um Livro composto por 66 livros, escritos por diversos autores, ao longo de séculos, atravessando momentos históricos e contextos culturais e sociais distintos. Estiveram presentes os habituais cerca de 40 a 50 interessados neste tipo de abordagens. O tema escolhido para esta sessão foi apresentado pelo jovem sociólogo Pedro Fonseca, filho primogénito de um dos atuais pastores da Igreja Metodista.

Com base nos textos de Efésios 1: 10-12, Isaías 46: 9-10 e Gálatas 4: 4-5, o orador começou por afirmar que, efetivamente, há um plano de Deus para toda a História – a reconciliação total do Universo, de acordo com o propósito inicial da vontade de Deus. Nesse sentido, o cumprimento desse plano, em devido tempo, atingiu o clímax com a Morte e Ressurreição de Jesus, que o completou, cumprindo promessas e profecias e abrindo a possibilidade de todos os seres humanos se tornarem filhos de Deus. Isso mesmo confirmou o próprio Jesus, explicando a Escrituras de Moisés aos profetas e Salmos, como se pode ler em Lucas 24: 25-27 e 44-47.

A propósito de um tema unificador para a Bíblia, o orador sugeriu alguns possíveis, como a História da Salvação, a prefiguração de Jesus ou a Aliança. No entanto, em pouco mais de uma hora, desenrolou um fio condutor da Bíblia, do Génesis ao Apocalipse, desenvolvendo uma interpretação do texto bíblico pelo conceito de “Reino de Deus”, de acordo com a proposta avançada pelo teólogo Graeme Goldsworthy. A definição de Reino de Deus remete-nos para a existência de um povo de Deus no lugar de Deus sob o governo e bênção de Deus. Começando pelo Antigo Testamento até ao Novo Testamento, foi apresentada uma sucessão de etapas tendo

como propósito o (r)estabelecimento do Reino de Deus.

Os dois primeiros capítulos do primeiro livro da Bíblia (Gênesis 1 e 2) referem-se a um Reino Padrão, um Reino como Deus quer que ele seja. No Reino padrão, o povo de Deus é representado por um primeiro casal humano e o lugar de Deus por um jardim – o Jardim do Éden. O governo da Palavra de Deus e a bênção de Deus traduzia-se em relacionamentos perfeitos entre Deus e o Homem, entre o homem e a mulher e entre o Homem e a Criação. Mas, eis que logo, uma serpente relativiza a Palavra de Deus e conduz à queda humana e a um Reino perecido (Gênesis 3 a 11), onde o pecado passa a afetar todos os relacionamentos. A partir daí, o Homem criado à imagem de Deus passa a ser uma imagem desfocada de Deus e a Criação uma ameaça para o Homem. Num reino perecido o povo de Deus ficou reduzido a ninguém, o Homem foi banido do lugar de Deus e a desobediência humana à Palavra de Deus deu lugar ao castigo. Com a expulsão dos seres humanos do Jardim propaga-se o pecado e a morte entre os descendentes de Adão e Eva. Caim matou Abel (Gênesis 4). Sucessivamente, os descendentes de Adão vão morrendo (Gênesis 5). A humanidade persiste na desobediência a Deus e acontece o dilúvio (Gênesis 6 a 9). A construção da torre de Babel (Gênesis 11) é mais uma tentativa humana de afirmação da sua independência em relação a Deus. Mas, apesar do pecado afetar tudo, Deus continua a chamar pelo Homem e a prometer o restabelecimento do seu reino, um reino em que é possível a humanidade viver diante de Deus em amor, tal como refere Paulo em Efésios 1: 3-6. Nesse sentido, logo no livro de Gênesis surgem os primeiros sinais da graça divina e de um reino prometido de acordo com o plano eterno de Deus - - a cabeça da serpente é esmagada (Gênesis 3:15), Deus coloca uma marca protetora em Caim (Gênesis 4:15), o fiel Enoque é levado por Deus, escapando à morte (Gênesis 5: 24), a Aliança com Noé gera uma nova criação (Gênesis 6 a 9). Deus renova a sua Aliança, agora com Abraão (Gênesis 12: 1-3 e 17: 7). Num reino prometido, os descendentes de Abraão tornam-se no povo de Deus e o lugar de Deus passa a ser Canaã, a Terra Prometida para onde Abraão se desloca e onde se estabelece. A Promessa de Deus é restabelecer o seu Reino, abençoando os descendentes de Abraão e através deles todas as nações. De Gênesis 12 ao livro de I Reis 11 a manifestação do Reino é parcial, pois as promessas só são cumpridas em parte na história dos israelitas – o povo de Deus. No livro de Êxodo, Deus abençoa e salva o seu povo de Israel pela substituição – o cordeiro da Páscoa, na vez dos primogênitos dos hebreus. O livro de Levítico dá indicações ao povo, sobre a forma de viver de bem com Deus. Durante o êxodo e depois no tempo dos reis, o lugar de Deus é a sua presença no meio do seu povo, no Tabernáculo ou em Jerusalém e no Templo. O governo de Deus estabelece-se pela Lei dada a Moisés e através de reis submissos a Deus. O cumprimento ou incumprimento da Lei de Deus conduz a abundantes bênçãos ou maldições (Deuteronómio 28: 1 e 28: 15). O livro de Josué refere a conquista a Terra Prometida. Sucedem-se ciclos de graça e pecado, protagonizados por juízes e reis que governam o povo de Israel. Se com os reis David e Salomão há paz, prosperidade e segurança em Israel, após a morte de Salomão ocorre a divisão do reino e a guerra civil. Novamente a infidelidade e a desobediência conduz à queda de Israel, à divisão, ao declínio e ao exílio na Babilónia (I Reis 11 a II Reis). Então, num reino profetizado os profetas proclamam a voz de Deus, lembram e reforçam a promessa, num discurso em que dominam dois temas - o julgamento e a esperança num mundo totalmente novo. No reino profetizado, o povo de Deus é uma nova nação, formada a partir do remanescente do povo de Israel, dos que mantiveram a sua fidelidade a Deus, alargado a todas as nações (Isaías 10: 20-21). Os profetas anunciam um novo êxodo, agora do pecado para uma nova vida. Jeremias 16: 14-15 anuncia um novo regresso do povo à terra que foi prometida aos seus pais. Isaías 49: 5-6 fala de um novo Rei, servo do Senhor, que vem congregar o povo de Deus. Ezequiel 40 a 48, nomeadamente Ezequiel 47: 8-12 referem o lugar de Deus num novo Templo. Isaías 65: 17-18 fala de uma nova criação, que vai além do retorno do exílio.

O governo e a bênção de Deus manifestam-se numa nova Aliança (Jeremias 33: 31-32), que implica a mudança da natureza humana, falando na lei de Deus, não escrita em tábuas mas nos corações (Jeremias 31: 33). Por sua vez, em II Samuel 7: 12 -16 e Isaías 9: 5-6 referem-se a um novo Rei de um Reino eterno, um descendente de David, apontando claramente para o nascimento de Jesus. Ele vem trazer a grande bênção para a humanidade (Isaías 11: 6-8) – a restauração de todas as coisas, a pacificação de todos os relacionamentos e o descanso. Os livros de Ageu, Isaías e Malaquias, incentivam a esperar o Reino. Malaquias 3: 1 manda preparar o caminho e anuncia a vinda de Jesus. O Antigo Testamento termina com o povo à espera da chegada do reino de Deus.

De acordo com Goldsworthy, “por causa do Novo Testamento a interpretação do Antigo Testamento não é literal, mas cristológica. Isto é, a vinda de Cristo transforma todos os termos do reino do Antigo Testamento em realidades evangélicas.” O reino presente é revelado nos Evangelhos (Mateus a João). A encarnação, a Morte e a Ressurreição estabelece um reino presente entre os homens, centralizado na pessoa de Jesus Cristo. Adão falhou, Israel falhou, no reino presente Jesus é o novo Adão e o novo povo de Israel. A presença de Jesus entre os homens, também faz dele o verdadeiro tabernáculo e templo (Gálatas 3: 13-14). Jesus é, Ele próprio a nova Aliança, o governo e a bênção de Deus, Aquele em quem encontramos descanso. Os livros de Atos ao Apocalipse falam de um reino proclamado, agora sob a ação do Espírito Santo, aguardando a segunda vinda de Jesus, que ninguém sabe quando acontecerá (Tiago 5: 3). Nesse reino proclamado os crentes em Jesus Cristo, sejam judeus ou gentios, são o povo de Deus. O lugar de Deus passa a ser cada crente individualmente e a Igreja. A presença constante do Espírito Santo com os homens é a Nova Aliança.

Os capítulos 20-21 do livro do Apocalipse transportam-nos a um reino perfeito - – referem a redenção de todas as coisas, uma nova criação. Assim como a queda humana afetou tudo, a Salvação que vem de Deus, também tudo restaurará, reunindo o povo de Deus numa grande Família – a Família Universal de Deus. Apocalipse 21: 1-3 refere o lugar de Deus no reino perfeito – a nova criação, a nova Jerusalém no Céu, a cidade santa, O novo Templo é a morada de Deus junto dos homens, em comunhão definitiva e perfeita. O governo de todas as coisas estará no Trono de Deus e no Cordeiro. O último capítulo do livro do Apocalipse, o 22, desafia-nos a olhar para esse tempo vindouro e termina com o anúncio da segunda vinda de Jesus e a expressão de desejo do estabelecimento do perfeito Reino de Deus: “Assim seja! Vem, Senhor Jesus!” (Apocalipse 22: 20b).

Durante o debate foi destacada a permanente interação entre Deus e os homens, que sempre concorrem para tentar alterar o plano de Deus. No entanto, Deus sempre age sempre no sentido da aproximação e do restabelecimento de um relacionamento perfeito. O percurso da História, desde um Reino padrão perfeito a um novo Reino de perfeição, é como uma linha circular que se fecha na Perfeição, revelando que, finalmente, a vontade soberana de Deus é cumprida. Se, por outro lado, a rebeldia humana, as nossas recorrentes infidelidades e iniquidades, inevitavelmente, tendem a afastar-nos de Deus e do seu Reino, todas as iniciativas de Salvação e de reconciliação partem de Deus. Ele nunca falha e, de alguma forma, sempre vem ao nosso encontro, alertando, admoestando, guiando com Amor.

A próxima sessão do CEMES, precisamente sobre a segunda vinda de Jesus Cristo, ficou marcada para sábado, 25 de Junho, pelas 17,30h. O orador será o conhecido Pastor Batista, Tiago Cavaco, que já foi o orador convidado de outras sessões.